

Em jeito de Editorial...

Foi um sucesso o nosso X Curso de Verão. Alguns *habitués* afirmaram mesmo que, provavelmente foi o melhor curso. Perto de 50 inscrições - o maior número de participantes nos cursos de Verão-, um lote de palestrantes extraordinário e actividades “no exterior” interessantíssimas foram pontos fortes deste X Curso. Uma palavra de agradecimento para a Prof.^a Doutora Margarida Garcez e para o Prof. Doutor António Ventura, responsáveis científicos pelo Curso.

Também foi um sucesso a vinda do Dr. Fernando Nobre, presidente da AMI, à Ericeira, para autografar o seu livro, “Gritos contra a indiferença”. A sessão de autógrafos - uma organização conjunta do ICEA, com a AMI, a Câmara Municipal de Mafra e a Livraria OVNI - decorreu no passado dia 30 de Julho, no auditório da Casa de Cultura Jaime Lobo e Silva.

Agora, só nos resta desejar-vos Boas Férias! Contamos consigo. Conte connosco.



Dois “momentos” da vinda do Dr. Fernando Nobre à Ericeira.

(Fotografias gentilmente cedidas pelo Jornal O Carrilhão – Mafra)

X Curso de Verão da Ericeira

Decorreu entre os dias 18 e 20 de Julho, no auditório da Casa da Cultura Jaime Lobo e Silva, o X Curso de Verão da Ericeira, dedicado às Invasões Francesas e com um título bem sugestivo: *Um general que chega, um príncipe que parte, um país que resiste. Portugal 1807-1808*

Alguns apontamentos sobre as comunicações apresentadas:

» **Rota Histórica das Linhas Defensivas de Torres Vedras. Perspectivas dos projectos de valorização do património histórico militar de Mafra**, pela Mestre Ana Catarina Sousa e Dr. Luiz Saldanha Lopes (Câmara Municipal de Mafra-PILT)

Esta comunicação apresentou o projecto de investigação, valorização e promoção do património histórico-militar que constitui as 1.^a e 2.^a Linhas Defensivas de Torres Vedras, situadas nos actuais concelhos de Arruda dos Vinhos, Loures, Mafra, Sobral de Monte Agraço, Torres Vedras e Vila Franca de Xira.



A mesa da Sessão de Abertura. Da esquerda para a direita: Prof.^a Doutora Margarida Garcez, Prof. Doutor António Ventura, responsáveis científicos pelo X Curso de Verão, Dr. José de Freitas, presidente do ICEA, Dr. Luiz Saldanha Lopes e Mestre Ana Catarina Sousa, ambos da Câmara Municipal de Mafra e seus representantes na PILT – Plataforma Intermunicipal das Linhas de Torres.

Face à necessidade de estabelecer um programa integrado para valorizar este património, as seis autarquias efectuaram um programa conjunto, iniciado em 2001, tendo sido constituída em 2006 a Plataforma Intermunicipal para as Linhas de Torres (PILT), cuja presidência rotativa cabe actualmente a Mafra.

A PILT pretende implementar um programa de actuação que se encontra actualmente centrado no projecto financiado pelo Mecanismo Financeiro do Espaço Económico Europeu (MFEE): Rota Histórica das Linhas Defensivas de Torres Vedras. Este projecto integra várias áreas de actuação: investigação histórica, arqueológica e ambiental, valorização patrimonial e promoção turística. O programa de actuação (2006-2011) prevê a criação de seis Centros Interpretativos temáticos em cada um dos municípios e a abertura ao público de um total de 53 redutos, constituindo-se em rotas.

Entre as várias parcerias já protocoladas, conta-se a Academia Portuguesa da História, o ICEA, a Direcção de Infra-estruturas do Exército, o IGESPAR.

Neste contexto se integra o programa do Município de Mafra, ao nível da intervenção nos redutos (levantamentos, escavações e valorização, implementação de estruturas de apoio ao visitante): Forte da Feira (Malveira), Forte Grande e Pequeno (Enxara do Bispo), Forte do Zambujal (Carvoeira) e na estação semafórica da Serra do Socorro.

Paralelamente aos projectos financiados, Mafra está também empenhada na recuperação de mais dois redutos: S. Julião e Juncal, bem como a congregação de sinergias locais através da criação da Plataforma Municipal para as Comemorações do Bicentenário da Guerra Peninsular.



O "Caçadores 6" António Viana e algum do seu equipamento militar...

» O Tratado Luso-Russo de 1799. Um realinhamento estratégico português, pelo Dr. João Abel da Fonseca (Academia Portuguesa de História/ICEA)

Esta comunicação abordou os antecedentes às Invasões Francesas e que ajudam a compreender o que aconteceu e como o País se colocava na balança da Europa.

Este Tratado de Aliança defensiva, entre Portugal e a Rússia, foi assinado em S. Petersburgo, a 18 de Setembro de 1799, ratificado por parte de Portugal em 31 de Dezembro do mesmo ano, e pela Rússia em 6 de Abril de 1800.

Rómulo de Carvalho, no seu livro *Relações entre Portugal e a Rússia no Século XVIII* (Lisboa, Sá da Costa, 1979), curiosamente, não menciona o evento, embora seja obra fundamental para uma aproximação ao conhecimento da temática. Fernando de Castro Brandão dedica-lhe o seu estudo *A política externa portuguesa e a aliança defensiva de 1799 com a Rússia* (Lisboa, Heuris, 1985) que seguiremos de perto para dilucidar este período crítico da História da Europa, a que Portugal não foi, nem poderia ter sido estranho, face à sua posição estratégica e ao poderoso comércio que representava a sua ligação com os seus domínios ultramarinos.

» Junot em Portugal ou a lembrança de um exército em farrapos, pelo Prof. Doutor Miguel Monteiro (Faculdade de Letras de Lisboa/Academia Portuguesa de História)

Sem esperar a conclusão do tratado de Fontainebleau, o imperador Napoleão determinou a invasão de Portugal, recebendo Junot em 17 de Outubro de 1807, ordem de, no prazo de vinte e quatro horas, entrar em Espanha que de antemão se sabia não oferecer resistência. No dia seguinte, o exército avançou para Salamanca pela estrada de Burgos. Por sua vez os regimentos espanhóis puseram-se em marcha para Portugal, fazendo-se a junção dos dois exércitos aliados em Alcântara, sobre o Tejo.

Apesar do Inverno acoçar as tropas, a sua marcha fazia-se com toda a velocidade, pois a vontade de Napoleão estava acima de todas as inclemências e este desejava que Junot chegasse a Lisboa antes do príncipe D. João ter tempo de se ausentar do reino.

Extenuados, tendo suportado chuvas torrenciais e privações de toda a espécie, os soldados franceses receberam com alegria a notícia da entrada em breve em Portugal, notícia que lhes foi dada em Alcântara espanhola, a 17 de Novembro de 1807. Prometia Junot pisar o solo português, decorridas menos de quarenta e oito horas, promessa que foi cumprida, pois a 19 já as tropas invasoras se encontravam no nosso país. A 23 chegou a vanguarda do exército francês a Abrantes, entrando no dia seguinte Junot com o resto das tropas que não iam além de 5.000 homens.

» **A defesa das Linhas de Torres Vedras, pelo Cor. de Engenharia Francisco Sousa Lobo (Presidente da Associação Portuguesa dos Amigos dos Castelos)**

A comunicação abordou os seguintes temas:

- *O terreno a Norte de Lisboa: do Tejo ao mar*
Quilómetros de colinas; quatro calçadas reais; duas vertentes, o Tejo e o mar; linhas de água; comunicações; Serra de Montagrão 430 metros; Serves; Sr.^a Socorro; Montachique

A directiva de Wellington e a organização do terreno em torno da capital.

- *O conceito inglês e o contributo português*
Vincent; Neves Costa; Wellington; em aberto

Das linhas de defesa a norte de Lisboa às linhas de Torres Vedras.

- *Organizar o terreno com o “exército civil”*
Camponeses e ordenanças como mão-de-obra; famílias na logística; mobilização e requisição

A visão portuguesa e a visão inglesa da mesma realidade; a construção das linhas como um processo progressivo em contraponto com um plano oportuno “coroadado de glória”.

- *Da directiva de Wellington à realidade prática*
Directiva em 21 pontos; Castanheira, Torres Vedras, Sobral, Arruda. Linha de Defesa na serra de Serves, Montachique,

Os distritos militares e os conceitos de defesa.

- *A missão dos redutos e a organização defensiva*
Defesa individual; missões específicas;

Multiplicação do potencial de combate pela conjugação da acção dos fortes com o exército de manobra.

- *O confronto das Linhas*
Defesa activa, combate logístico

A construção dos redutos em fortificação de campanha. Sistema de tiro com artilharia a bater alvos e a infantaria na defesa imediata.

- *Os modelos dos fortes e o sistema construtivo*
Polígonos irregulares; em terra; esplanada, fosso, parapeito, banquetas, terrapleno, traveses

Obstáculos com paliçadas, escarpamentos, abatizes, destruições e inundações.

Comando e logística; a transmissão de mensagens e vias de comunicação.

- *Comunicações: do mito à realidade*
O sistema inglês e o sistema português

» **O saque de Évora em 1808: o impacto no património da Cidade, pelo Prof. Doutor Francisco Vaz (Universidade de Évora)**

Esta comunicação fez uma análise das consequências do saque de Évora no património bibliográfico e artístico das casas religiosas, os conventos mosteiros e recolhimentos, que foram afectados e vandalizados nos dias 29, 30 e 31 de Julho de 1808. De facto, os invasores destruíram e roubaram o espólio que encontraram, orientando o seu interesse para os objectos de ouro e prata, mas destruindo outros bens culturais, nomeadamente, as obras de arte e as colecções bibliográficas desses organismos. Com esta análise procura-se fazer um balanço e mesmo inventariar os danos sofridos com o saque pelas casas religiosas e instituições culturais, com destaque para a Biblioteca Pública. As fontes são alguns dos textos de Frei Manuel do Cenáculo, ou relacionados com a sua actuação, bem como as obras redigidas nos anos seguintes, de que é bom exemplo Évora Lastimosa.

» **A ocupação dos conventos durante as Invasões: destruição e pilhagem de obras de arte, pela Prof.^a Doutora Maria João Neto (FLL)**

As invasões francesas implicaram a ocupação militar de muitas casas conventuais. Por onde transitavam e estacionavam, os exércitos franceses procuravam alojamento e mantimentos. À sua passagem as destruições e pilhagens foram uma constante. O saque incluiu muitas obras de arte de grande valor que acabaram por sair do nosso país nas malas do invasor repellido.

Segue-se todo um processo de reclamações dos bens saqueados, nem sempre bem conduzido e ao qual as autoridades francesas responderam de forma lenta e entorpecida. Neste contexto merece particular atenção a saga do roubo e posterior devolução dos 7 volumes da preciosa Bíblia dos Jerónimos, deixada por D. Manuel, em testamento, ao mosteiro de Santa Maria de Belém.

Levada para França, pelo General Junot, ficou na posse dos seus herdeiros, depois da sua morte. A restituição ao mosteiro da ordem de São Jerónimo só foi possível devido à interferência directa de Luís XVIII que comprou o valioso manuscrito a Laura Junot pela quantia de 32.000 cruzados.

Esta parece ter sido a grande reivindicação do governo português em matéria de obras de arte levadas pelos franceses. Nela se envolveram afincadamente o então conde de Palmela, D. Pedro de Sousa Holstein (1781-1850) e o 6.º marquês de Marialva, embaixador em Paris.

» **As Invasões Francesas: testemunhos ingleses, pela Prof.^a Doutora Maria Zulmira Castanheira (Faculdade de Ciências Sociais e Humanas - Universidade Nova de Lisboa)**

Na história das relações anglo-portuguesas as Invasões Francesas constituem um período de contacto particularmente intenso entre as duas nações. Em consequência da não adesão de Portugal ao Bloqueio Continental imposto por Napoleão Bonaparte com vista a vencer, pela guerra económica, o poderio naval, comercial e industrial da Grã-Bretanha, o nosso país, em Novembro de 1807, foi invadido por forças franco-espanholas comandadas por Junot; em Fevereiro de 1809 e Julho de 1810 suceder-se-iam duas outras invasões, chefiadas, respectivamente, por Soult e Massena. Ligado à Grã-Bretanha por uma aliança multissecular e por fortes laços económicos, revestindo-se para ela de grande significado do ponto de vista geo-estratégico e mercantil, Portugal, a partir de Agosto de 1808, contou com o auxílio militar britânico para lutar contra o invasor, o qual viria a sofrer, às mãos dos exércitos anglo-lusos, pesadas derrotas.

Em consequência da intervenção militar da Grã-Bretanha na guerra travada na Península Ibérica contra o inimigo francês, Portugal ficou, como nunca antes, sob o olhar atento, preocupado e curioso do público de além-Mancha. Este consumiu com interesse o avultado número de obras dadas à estampa por militares, capelães e médicos britânicos que estiveram no teatro de operações e registaram em cartas, diários, autobiografias e memórias, ou seja, formas que pressupõem veracidade e sinceridade, a sua vivência do conflito bélico, o que viram, escutaram, sentiram e pensaram.

Tais obras não só dão testemunho das experiências pessoais dos seus autores, instituindo-os como protagonistas de uma história de combate, sacrifício, valentia e aventura, como contribuíram sobremaneira para engrandecer a imagem das forças expedicionárias enviadas à Península Ibérica, ao celebrarem o papel decisivo e triunfante por elas desempenhado numa guerra contra a França que a Grã-Bretanha viu, crescentemente, como uma luta entre a liberdade e a tirania.

Esta comunicação fez uma apresentação e apreciação geral desse extenso e variado conjunto de vozes narrativas, testemunhas oculares que deixaram para a posteridade relatos multifacetados na sua descrição dos acontecimentos directamente relacionados com a guerra e no anotar das impressões recolhidas à medida que o sujeito se desloca por Portugal e se cruza com as populações locais. É de realçar o facto de um número muito apreciável desses títulos publicados ainda durante a Guerra Peninsular, ou nas quatro décadas seguintes, ter sido reeditado na segunda metade do século XX e particularmente no presente século, o que demonstra o interesse que estas obras continuam a despertar, reforçado no actual contexto da evocação dos 200 anos passados sobre o sangrento conflito que dilacerou a Península Ibérica entre 1808 e 1814.

» **Guerra e combate: resistência e assistência militar ao tempo das Invasões Napoleónicas, pela Prof.^a Doutora Maria de Fátima Reis (FLL/APH)**

Esta comunicação analisou algumas das formas de resistência regional às invasões napoleónicas, tentando compreender os auxílios prestados pelas populações locais aos militares em luta e em marcha. Centrando-se a observação na Terceira Invasão Francesa, privilegiou-se o conflito das forças envolvidas na região de Santarém, averiguando o impacto da guerra e as solidariedades desenvolvidas, procurando perceber a estratégia assistencial de retaguarda do exército anglo-português, assim como as opções e viabilidades de socorro médico do exército inimigo.

» **A historiografia portuguesa da Guerra Peninsular (séc. XIX), pelo Professor Doutor António Ventura (FLL/APH)**

A Guerra Peninsular - Guerra da Península, Invasões Francesas, Guerra da Independência, como lhe queiramos chamar - suscitou, ao longo de quase 200 anos, um interesse invulgar materializado numa rol impressionante de publicações. Desde testemunhos de vários tipos - memórias, epistolografia, diários - com um forte cunho autobiográfico, até obras de carácter historiográfico, passando por outras mais motivadas por preconceitos patrióticos e nacionalistas, artigos de divulgação ou em revistas da especialidade, e ainda um vasto universo que já pertence ao campo da literatura, nos seus diversos géneros, dispomos de um manancial infindável se quisermos mergulhar nessa época seminal na qual tomou forma a Europa de hoje.

As comemorações - como a que decorre nos nossos dias - são sempre pretexto para novas e velhas abordagens - mais velhas que novas - ocorrendo frequentemente o regresso a obras e autores, em especial por parte dos neófitos que entenderem lançar-se no estudo desta temática tão abrangente e tão complexa.

Na comunicação procurou-se fazer uma abordagem da produção portuguesa acerca das Invasões Francesas ao longo do século XIX, desde o momento em que os combates ainda se travavam até à preparação das grandiosas comemorações do I Centenário da Guerra Peninsular que decorreram no início do século XX, as quais atingiram um brilho e uma dimensão invulgares em Portugal.



O Prof. Doutor António Ventura apresentando a sua comunicação, na Sessão de Encerramento, que decorreu no Hotel Vila Galé.

Para além das comunicações, este X Curso de Verão teve dois outros momentos excelentes: a demonstração de equipamento e armamento da Guerra Peninsular, feita por António Viana, membro da Associação Napoleónica Portuguesa e a visita ao Forte de São Julião onde fomos (muito bem) acompanhados pelo MGen. Inácio de Sousa



Em pleno Forte de São Julião, as explicações dadas pelo MGen. Inácio de Sousa foram ouvidas atentamente por todos os participantes no Curso.

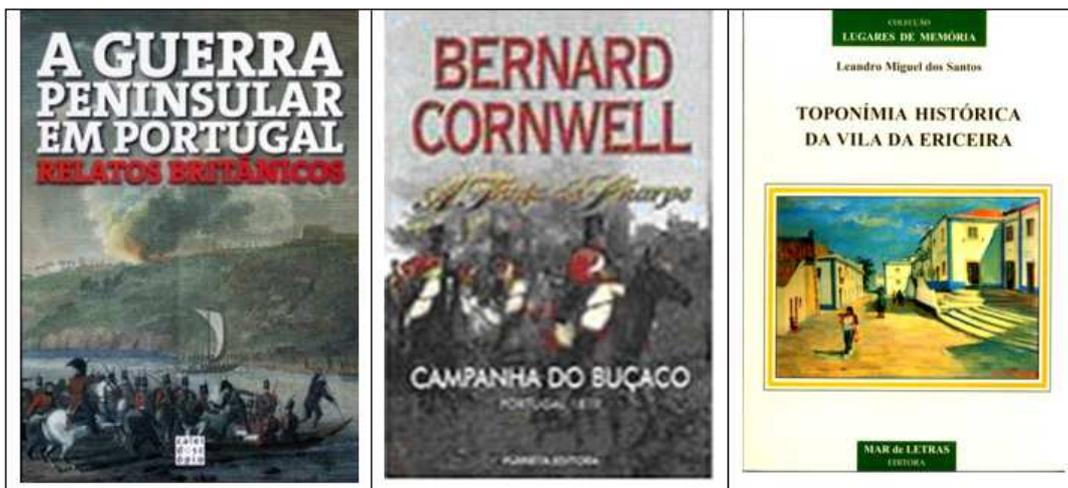
Livros para as férias...

Aproveite o tempo de férias para pôr a leitura em dia.

Para além do livro do Dr. Fernando Nobre, e porque continuamos a “viver” as comemorações do segundo centenário das Invasões Francesas, aconselhamos a leitura de “A Guerra Peninsular em Portugal: relatos britânicos”. Foi uma das obras referenciadas pela Prof.^a Doutora Maria Zulmira Castanheira na sua comunicação no Curso de Verão e é uma colectânea de textos escritos por quem cá esteve e que são um relato extraordinário sobre o Portugal então, época crucial para a nossa história que nos ajuda a perceber como era o nosso país nesse tempo.

Se prefere uma visão romanceada das Invasões Francesas então leia Bernard Cornwell e as aventuras do seu herói Richard Sharpe. São já vários os livros publicados mas delicie-se com a “A Fuga de Sharpe” que relata a vida atribulada do Major Sharpe, comandante da companhia de ligeiros do South Essex, no Buçaco e nas Linhas de Torres contra os franceses. É uma história cheia de acção, uma excelente leitura para férias.

Se o seu interesse vai para a Ericeira, então não perca “Toponímia Histórica da Vila da Ericeira” de Leandro Miguel dos Santos, editado recentemente pela Mar de Letras. Trata-se de um valioso contributo para conhecermos melhor a “nossa” Ericeira.



Pág. V